



MIRADAS DA IMPRENSA BRASILEIRA PARA O MOVIMENTO BLACK RIO: Entre o racismo e a afirmação cultural

Grazi **GODWIN**¹

(Universidade Federal de Mato Grosso /UFMT - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder, linha Estéticas e Narrativas)

Gilson Moraes da **COSTA**²

(Universidade Federal de Mato Grosso)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo explorar analiticamente conteúdos jornalísticos produzidos na perspectiva do jornalismo cultural da década de 1970, mas precisamente as narrativas que abarcam, em suas pautas, questões relacionadas ao Movimento Black Rio. Em grande parte inspirado no *soul* americano, o Movimento se apresentou como forte tendência entre os negros na região sudeste do país, especificamente no eixo Rio-São Paulo. Dessa forma, a pesquisa original tem como objeto de análise nove matérias jornalísticas datadas entre 1976 e 1977, veiculadas em jornais impressos de grande circulação à época. São eles: Folha de São Paulo (São Paulo), O Globo (Rio de Janeiro) e Jornal do Brasil (Rio de Janeiro). No entanto, no atual texto, selecionamos duas que serão citadas no decorrer de seu desenvolvimento. Um dos desafios desta pesquisa é verificar os modos dos discursos narrados nos meios impressos sobre o Movimento Black Rio, considerando que este foi um movimento cultural de impacto social entre jovens pretos das periferias, especialmente nas maiores cidades do país.

Para explorar os conteúdos jornalísticos, adotou-se um percurso metodológico inspirado nas premissas da Análise de Conteúdo e Análise de Enunciado. O conceito de

¹ Titulação maior, cargo e instituição à qual está ligado/a, cidade, estado, email.

² Professor do curso de Jornalismo – UFMT – Campus Universitário do Araguaia. E-mail: gilson.costa@ufmt.br



Jornalismo Cultural é mobilizado neste trabalho para verificar se as narrativas postas dialogam com a editoria citada. Verificou-se que, majoritariamente, os conteúdos analisados apresentaram abordagens de perspectiva estereotipada e racista, visto que os debates raciais na época eram silenciados ao grande público (e isso deve-se ao momento político em que o Brasil estava passando nos anos de 1970). No entanto, foi possível se deparar com reportagens que abordaram o Movimento com profundidade e puderam demonstrar sua importância cultural e de identidade dos jovens negros suburbanos e de periferia dos grandes centros que eram frequentadores do Black Rio.

ENTRE A VALORIZAÇÃO POLÍTICA E O RACISMO: MIRADAS DA IMPRENSA BRASILEIRA PARA O MOVIMENTO BLACK RIO

Etimologicamente, cultura vem do latim *colere* e significa cultivar, cuidar. À essa palavra já foram designados diversos significados ao longo da história humana. No século XX, com o surgimento da antropologia social e política, o conceito de cultura passa a exprimir a ideia de um conjunto de símbolos e significâncias em dada realidade, de maneira macro, global, como também em nichos específicos que possuem suas singularidades. Ou seja, a palavra cultura, agora, é utilizada para definir costumes e tradições de um povo, de grupos sociais, da sociedade. Dentro dos costumes e tradições de determinado povo, grupo e sociedade, há vários elementos que constituem suas respectivas identidades, como: a maneira de se vestir, o que se alimentam, que tipo de músicas são ouvidas, como se comportam, etc. É nesse conjunto de características únicas e intrínsecas (ou não) que cada nicho se diferencia, como também se unifica. Afinal, a cultura dos animais é diferente da cultura dos seres humanos e dentro da espécie humana há inúmeras culturas que se diferem uma das outras, também como dentro da espécie animal e assim por diante. Cultura é um vasto *lugar* de singularidades e identificações.

Trazendo, agora, à tona a cultura como uma editoria do jornalismo, o Jornalismo Cultural atua, por vezes, “como um gênero marcado por uma forte presença autoral,



opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa, identificando-se com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades da imprensa” (FARO, 2016, p. 14). É extremamente importante que o profissional tenha grande apelo pelas manifestações artísticas em geral e seja detentor de um capital cultural que lhe dê suporte mínimo necessário para tratar os temas além de uma dada superficialidade. Daniel Piza destina um capítulo em seu livro “Jornalismo Cultural” especialmente para dicas de como produzir uma escrita coesa, original e dinâmica.

Partindo das premissas acerca da categoria Jornalismo Cultural, será realizada a reflexão sobre o movimento cultural denominado "Black Rio", marcado pelo atravessamento cultural e ideológico de jovens pretos de regiões periféricas do Rio de Janeiro e, em menor número, de São Paulo, através da influência da música *soul*³ dos negros estadunidenses.

Começando pela análise da reportagem escrita por Lena Frias (Jornal do Brasil, 17 de junho de 1976), jornalista negra que produziu diversos materiais culturais riquíssimos, escreveu sobre o Black Rio de uma maneira diferente dos outros textos de sua época que retratavam o Movimento. Frias fez dele uma espécie de diário de bordo, relatando acontecimentos de dentro e fora dos bailes. O texto obteve tamanha repercussão que os militares o utilizaram como um dossiê para a investigação dos bailes (PEDRETT, 2022). O título, “O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil” gera impacto ao leitor e aguça a vontade de conhecer mais sobre esse desconhecido baile *black* do público até então. Os títulos e manchetes de matérias são chamarizes para as notícias. Por isso é tão importante que ele seja feito com criatividade e síntese. O título também faz uma provocação com o Movimento: ao escrever importado entre parenteses, se referindo ao orgulho negro dos participantes dos bailes *black*, a jornalista induz o leitor a se

³ *Soul* é um gênero musical criado pelos negros estadunidenses e está categorizado como Black Music, junto com o *Funk*, *R&B* (Rhythm and Blues), *Jazz*, *Blues* e *Rap* (FAUSTINO, Oswaldo; PEREIRA, David. A Origem da Black Music. Revista Raça. Acesso em: 21/11/2022. Disponível em <https://revistaraca.com.br/a-origem-da-black-music/>)



questionar de que forma esse orgulho é importado, o que gera curiosidade, um convite maior para a leitura.

Já a matéria “Black Power no Brasil” (1 de outubro de 1977), é compreensível pensar que o texto poderia ser positivo em relação a esse “Black Power brasileiro”, pois o título nos leva a essa indução. Porém, constata-se que, ao ler e analisar a matéria em questão, o conteúdo da escrita não é o que se espera, muito pelo contrário. O texto é marcado de pré-conceitos, achismos e pode-se aferir que os quesitos apuração e informação são inexistentes. Na matéria, está presente a frase “no Brasil não existe racismo” e logo em seguida “existem as pessoas que alcançaram posições mais elevadas e outras menos”. Esses dois trechos evidenciam o fato de que, segundo o autor, o racismo estrutural que afeta as pessoas negras, impossibilitando-as de terem as mesmas oportunidades que os brancos, nada mais é que a própria escolha do preto de estar em situações menos elevadas, pois, se não existe racismo, logo os pobres (negros, em maioria) são pobres porque querem ser. Visto isso, observamos que o texto não se propõe em saber quem são os “Black Powers brasileiros”, como é sua cultura e do que se trata os famigerados bailes. A coluna somente destila desinformação e insufla o ódio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível argumentar que um conjunto significativo das pesquisas em comunicação corroboram a prática para que o fazer jornalismo possa se aperfeiçoar e entregar uma melhor qualidade, livre de preconceitos e insistindo nas pautas contra-hegemônicas. Dentro do campo do Jornalismo Cultural, essa proposta não muda. Acreditamos que o trabalho realizado pode contribuir ao amadurecimento contínuo da área, uma vez que a sociedade sempre está em transformação e o dever da nossa profissão é de sempre estar atento ao que acontece, mas jamais esquecer dos acontecimentos da História, pois é a partir deles que conseguimos compreender a era em que vivemos, além de ser uma forma de evitar os mesmos erros estruturais do passado. Nesse sentido, este resumo de



pesquisa almeja contribuir com os estudos em Jornalismo Cultural a fim de seu aperfeiçoamento e humanização. “É com esse tempo que a narrativa jornalística lida; aparentemente com o instantâneo do calor da hora ou com maior poder de análise em reportagens que rememoram acontecimentos a partir de algo novo.” (SOUZA, 2012, p. 56).

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Eduarda de Oliveira. Imperialismo e partilha da África: entenda. Politize, 2021. Visto em: 01/12/2022. Acesso em: <https://www.politize.com.br/imperialismo-e-a-africa/>

BIERNATH, Carlos Albergo Garcia; SILVA, Marcelo da. **Entre subjetividade, manipulação e efeito de verdade: problemáticas do jornalismo como “Quarto Poder”**. Revista Multiplicidades, Vol. VI, Ano V. Bauru, 2015.

BRAZILIENSE, Correio. Grammy Latino adiciona ‘Funk brasileiro’ às categorias de premiação. Visto em: 02/12/2022. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/diversao-e-arte/2021/07/4938880-grammy-latino-adiciona---funk-brasileiro---as-categorias-de-premiacao.html>

CALDAS, Waldenyr. O que todo cidadão precisa saber sobre cultura. Vol. 1. São Paulo: Global, 2 ed., 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. *Crítica y Emancipación*, (1): 53-76, junho, 2008.

DAOLIO, Jocimar; RIGONI, Ana Carolina Capellini; ROBLE, Odilon José. **Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty**. Campinas: Pro-Posições, Vol. 23, 2012.

FARO, J. S. **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural**. Comunicação e Sociedade. São Paulo, 2006.

FAUSTINO, Oswaldo; PEREIRA, David. **A Origem da Black Music**. Revista Raça [online], 2016. Visto em: 29/11/2022. Acesso em: <https://revistaraca.com.br/a-origem-da-black-music/#:~:text=Conhe%C3%A7a%20as%20origens%20da%20Black%20Music&text=Recordar%20as%20can%C3%A7%C3%B5es%20de%20seus%20povos,dos%20EUA%20as%20work%20songs>



FOLTER, Regiane. Identitarismo ou movimento identitário: o que é e seu impacto. Politize. Visto em: 05/12/2022. Disponível em: <https://www.politize.com.br/identitarismo/>

FONSECA, Wilson. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2. ed., 2006.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11. ed., 2006.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Tradução: MIRANDA, Daniel; OLIVEIRA, William. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

LIVRE, Wikipédia, a enciclopédia. Clementina de Jesus. Visto em: 25/11/2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clementina_de_Jesus

LIVRE, Wikipédia, a enciclopédia. Motown Records. Visto em: 28/11/2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Motown_Records

LIVRE, Wikipédia, a enciclopédia. José Corrêa Leite. Visto em: 06/12/2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Correia_Leite

Machado, Miranda. Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país. BBC News: São Paulo. Visto em 01/12/2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662>

MIRANDA, Nadja. Divulgação e Jornalismo Cultural. In: RUBIM, Linda (org); BARBALHO, Alexandre; RUBIM, Antônio Albino Canelas. Organização e Produção da Cultura. Salvador: Edufba, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por quê estudar narrativas? In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (orgs). Narrativas Midiáticas. Florianópolis: Insular, 2012.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. A cena musical da Black Rio: estilos e mediações nos bailes soul dos anos 1970. Salvador: Edufba, 2018.

PEDRETT, Lucas. Dançando na mira da ditadura: bailes soul e violência contra a população negra nos anos 1970. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 2022.

PEREIRA, Roberto Augusto A. A era Vargas (1930 – 1945): samba, capoeira e a construção de símbolos nacionais. Nexo, 2021.



PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2 ed., 2004.

PORTILHO, Gabriela. Como surgiu o samba? Superinteressante. Visto em: 05/12/2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-o-samba/>

PRIOLLI, Gabriel; NETO, Armando Figueiredo. *O negro, da senzala ao soul*. São Paulo: TV Cultura, 1977.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUY, Carolina Maria. Como surgiu a política identitária e qual sua relação com a ideologia liberal. Brasil de Fato. Visto em 29/11/2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/09/17/artigo-como-surgiu-a-politica-identitaria-e-qual-sua-relacao-com-a-ideologia-liberal>

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; SIQUEIRA, Euler David de. **A cultura no jornalismo cultural**. Vol. 1. São Paulo: Lumina, 2007.

SOUZA, Daniella Ribeiro. O sopro do vento: 50 anos da contracultura musical. In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (orgs). *Narrativas Midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Vol. 2: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo Vol. 1: Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.